

COMUNICAÇÃO, CONECTIVIDADE E DISSENSO EM MOVIMENTOS SOCIAIS: UMA ANÁLISE SOBRE "LOS INDIGNADOS"

João José Azevedo CURVELLO, Universidade de Brasília
Tatiane Rodrigues MATEUS, Universidade Católica de Brasília

LA COMUNICACIÓN, LA CONECTIVIDAD Y LA DISCORDIA EN LOS MOVIMIENTOS SOCIALES: UN ANÁLISIS DE "LOS INDIGNADOS"

COMMUNICATION, CONNECTIVITY AND DISSENT IN SOCIAL MOVEMENTS: AN ANALYSIS OF "LOS INDIGNADOS"

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a dinâmica da comunicação no contexto do dissenso, especificamente nas manifestações espanholas de 2011. De forma sucinta, busca apontar a relevância das relações comunicacionais nos novos movimentos sociais, tomando como embasamento teórico, a Teoria dos Sistemas Sociais e suas derivações. Estes movimentos de protestos apesar de não significarem sistemas funcionais clássicos se aproximam do conceito de organizações efêmeras. São objetivos deste trabalho: compreender o contexto sistêmico do processo dessas manifestações na Espanha, conhecer a dinâmica das relações comunicacionais no ambiente de dissenso e analisar a trajetória sistêmico-comunicacional do movimento "Los Indignados". Nesse sentido, o problema central do estudo refere-se à importância da perspectiva sistêmica quando tratarmos de movimentos sociais, refletindo sobre os sistemas envolvidos, suas relações de comunicação e poder e as estratégias e instrumentos, sobretudo os digitais, utilizados nos processos de comunicação e mobilização.

RÉSUMÉN

En este artículo se propone una reflexión sobre la dinámica de la comunicación en el contexto de la disidencia, específicamente en las manifestaciones españolas de 2011. En pocas palabras, trata de identificar la relevancia de las relaciones de comunicación en los nuevos movimientos sociales, tomando como base teórica la teoría de los sistemas sociales y sus derivaciones. Estos movimientos de protesta a pesar de que no significan sistemas funcionales clásicos se acercan al concepto de organizaciones efêmeras. Los objetivos de este trabajo: entender el contexto sistémico del proceso de las manifestaciones en España, conocer la dinámica de las relaciones de comunicación en el entorno de la discordia y analizar la trayectoria sistémica-comunicacional del movimiento "Los Indignados". En este sentido, el problema central del estudio se refiere a la importancia de la perspectiva sistémica cuando consideramos los movimientos sociales, la reflexión sobre los sistemas involucrados, sus enlaces de comunicación y de poder y las estrategias y los instrumentos utilizados en los procesos de comunicación y movilización.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the dynamics of communication in the context of dissent, specifically in the Spanish manifestations of 2011. In a succinct way, it seeks to point out the relevance of the communicational relations in the new social movements, taking as theoretical basis, the Social Systems Theory and its derivations. These movements of protests, although they do not mean classic functional systems, approach the concept of ephemeral organizations. The objectives of this work are: to understand the systemic context of the process of these manifestations in Spain, to know the dynamics of communicational relations in the environment of dissent and to analyze the systemic-communicational trajectory of the movement "Los Indignados". In this sense, the central problem of the study refers to the importance of the systemic perspective when dealing with social movements, reflecting on the systems involved, their communication and power relations, and the strategies and instruments, especially the digital ones, used in communication and mobilization.

PALAVRAS-CHAVE: COMUNICAÇÃO, MOVIMENTOS SOCIAIS, TEORIA SISTÊMICA, SISTEMAS SOCIAIS, ORGANIZAÇÕES EFÊMERAS.

KEYWORDS : COMMUNICATION, SOCIAL MOVEMENTS, SYSTEM THEORY, SOCIAL SYSTEMS, EPHEMERAL ORGANIZATIONS.

PALABRAS CLAVE: COMUNICACIÓN, MOVIMIENTOS SOCIALES, TEORÍA SISTÊMICA, SISTEMAS SOCIALES, ORGANIZACIONES EFÍMERAS.

A emergência de movimentos sociais caracterizados pelo uso crescente de tecnologias de informação e de comunicação, que surgem como recursos que contribuem para a mobilização distribuída, além da aparente ausência de lideranças políticas tradicionais, como políticos profissionais, partidos, sindicatos e organizações da sociedade civil organizada, têm provocado a atenção de pesquisadores para quais fenômenos e dinâmicas acompanham esses processos políticos. Movimentos como a denominada “primavera árabe”, no Egito, o “15M” ou “Los Indignados”, na Espanha e mesmo as manifestações de junho de 2013 no Brasil são exemplos vivos dessa nova configuração de movimentos.

O presente trabalho se insere nessa categoria de estudos, e tem como principal objetivo interpretar o movimento “Los Indignados” sob as perspectivas trazidas pelos teóricos que se dedicam a explicar os movimentos sociais, da Teoria dos Sistemas Sociais e, mais recentemente, sobre as abordagens que definem organizações efêmeras e mobilização enquanto processos de comunicação. Os objetivos específicos são: compreender o contexto sistêmico e razões do processo das manifestações na Espanha, conhecer a dinâmica das relações comunicacionais no ambiente de dissenso e analisar a trajetória sistêmica de “Los Indignados”.

Nesse sentido, o problema central do estudo refere-se à importância da perspectiva sistêmica quando tratarmos dos movimentos sociais espanhóis de 2011, refletindo sobre os sistemas envolvidos, suas relações de comunicação e poder e as estratégias e instrumentos utilizados na comunicação.

Em se tratando de uma reflexão sobre as manifestações sociais sob a perspectiva sistêmica e suas implicações, os referenciais conceituais e teóricos do estudo partiram das formulações de Ahlemeyer (1995), Castells (2014), Bennet & Segerberg (2012), Luhmann (2007), Rodrigues & Neves (2012), Sobottka (1995), Vasconcellos (2013) e Mariotti (2010).

Esse estudo justifica-se por buscar analisar as implicações dos movimentos sociais como sistemas autorreferentes e comunicacionais, além de salientar o valor do dissenso para as relações comunicacionais, por fazer emergir a diferenciação entre os sistemas, o equilíbrio de poder e a não-manutenção do status quo, na medida em que esses escopos de relações engendrados pelo processo de movimentos e protestos se desdobram em mudança de comportamento do poder central.

O presente estudo está estruturado inicialmente nas definições de movimentos sociais e protestos, das clássicas até às desenvolvidas no âmbito das teorias sistêmicas. Trazemos, ainda, a proposição de Lanzara (1983) sobre organizações efêmeras. Na sequência, examina-se o contexto que gerou o surgimento de “Los Indignados” na Espanha. Em seguida, analisa-se o pensamento sistêmico dando ênfase à Teoria dos Sistemas Sociais de Luhmann. Por fim, discorre-se sobre os processos comunicacionais de mobilização estabelecidos nos movimentos sociais em questão.

MOVIMENTOS SOCIAIS E DE PROTESTOS: ASPECTOS CONCEITUAIS

Os Movimentos Sociais e de Protestos são fenômenos que ocorrem há muitos séculos. Mas neste artigo, nos interessa apontar alguns conceitos dos chamados “novos movimentos sociais”. Segundo a definição de Scherer-Warren (2006), os movimentos de protesto:

“(...) são fruto da articulação de atores dos movimentos sociais localizados, das ONGs, dos fóruns e redes de redes, mas buscam transcendê-los por meio de grandes manifestações na praça pública, incluindo a participação de simpatizantes, com a finalidade de produzir visibilidade através da mídia e efeitos simbólicos para os próprios manifestantes (no sentido político-pedagógico) e para a sociedade em geral, como uma forma de pressão política das mais expressivas no espaço público contemporâneo.” (Scherer-Warren, 2006, p. 112)

Para Sobottka (1995), há uma série de constantes que estão presentes nas definições mais comuns de movimentos sociais:

“... a de que se trate de um ator coletivo, com certo grau de integração (identidade) e que persegue objetivos relacionados à mudança social. Via de regra as teorias têm, por conseguinte, como pano de fundo pressupostos relacionados à capacidade humana de avaliar a realidade, unir-se a outros semelhantes, elaborar alternativas e buscar transformá-las em ação” (Sobottka, 1995, p. 115).

Joachim Raschke, ao sintetizar o estado da arte das teorias europeias e estadunidenses nos anos 1980, define movimento social como “*ator coletivo mobilizador que, com certa continuidade, à base de elevada integração simbólica, com pouca especificidade de papeis, mediante formas variadas de organização e ação, persegue o objetivo de provocar, evitar ou reverter mudança social profunda*” (Raschke, 1988, p. 77, apud Sobottka, 1995, p. 115). Doug McAdam et al. (1996) sintetizam as principais correntes sobre movimentos sociais com base em três conceitos: oportunidades políticas, estruturas de mobilização e enquadramentos culturais. A relação entre esses três conceitos se evidencia quando há vontade do agente em “*aproveitar as oportunidades políticas possíveis dentro de certos marcos referenciais culturais para mobilizar pessoas em torno de objetivos comuns*” (Sobottka, 1995, p. 115).

De acordo com Luhmann (2007), os movimentos sociais de protestos se identificam com a reorientação da sociedade para a diferenciação funcional, a qual nos leva a outro paradoxo.

“Segundo Parsons, podemos partir do contexto de maior diferenciação e maior generalização e as bases simbólicas, particularmente àqueles valores com os quais a sociedade trata de formular sua unidade. O que acontece quando os valores generalizados ainda não podem resultar em sociedade diferenciada? O que acontece se ainda que estejam formulados e sendo reconhecidos, sua realização deixe a desejar? Aparentemente, os movimentos sociais buscam respostas para este problema- respostas que adquirem em forma de outro paradoxo que se expressa com o protesto da sociedade contra a sociedade...” (Luhmann, 2007, p. 673).

Nos conceitos de movimentos sociais, pode-se inferir que a organização de parte da sociedade articulada busca, através do dissenso, pressionar o sistema central a fazer concessões relativas às reivindicações e protestos. Os movimentos sociais – especialmente os intitulados “novos movimentos sociais” – são concebidos como um fenômeno próprio da sociedade pós-moderna. A teoria da sociedade desenvolvida por Niklas Luhmann compreende que a sociedade é caracterizada por sua forma de diferenciação, sendo que, na modernidade, essa forma consiste na diferenciação funcional. Nesse sentido os movimentos sociais emergiriam como sistemas típicos da sociedade

funcionalmente diferenciada, mas não por possuírem uma função exclusiva. Luhmann entende que os movimentos sociais não são classificáveis como sistemas funcionais da sociedade, assim como não podem ser descritos simplesmente como organizações ou interações. Tratam-se de fenômenos que não podem ser compreendidos sob essa tipologia, mas de um confronto da sociedade contra a sociedade, conforme o trecho: “(...) os movimentos tratam de mobilizar – pelo simples fato de estarem sempre abertos a novos aderentes – à sociedade contra a sociedade” (Luhmann, 2007, p. 672). É quando, para Luhmann, os movimentos sociais se caracterizam como observadores externos sem serem externos, sem atropelar a autorreferência. Aos movimentos, outros observadores se alinham, como os meios de comunicação social e a opinião pública.

“Dessa maneira se expressa uma forma específica de diferenciação societal, isto é, a diferenciação de centro e periferia. A periferia protesta não contra si mesma. O centro deve escutá-la e levar em conta o protesto. Mas, como na sociedade moderna, já não há um centro de sociedade total, os movimentos de protesto se encontram unicamente naqueles sistemas funcionais que formam centros; sobretudo no sistema político...” (Luhmann, 2007, p. 677)

Ocorre aqui o que Luhmann denomina de irritações, a partir de sua própria definição de sistemas fechados e constituídos da distinção entre sistema/ambiente. Não há interferência de um sistema no ambiente, nem do ambiente no sistema. A única relação possível entre ambos é via acoplamento estrutural, e a comunicação entre eles só se dará por meio de irritações ou estímulos, que só serão recebidos e processados por decisão do sistema ou do ambiente. Luhmann atribui aos movimentos a função de romper periodicamente com o dogmatismo e a rigidez, “para abrir caminho para a adaptação do sistema. Mantendo-o em movimento. Mas esta função é tida como um efeito secundário de movimentos em si considerados como errantes” (Sobottka, 1995, p. 123).

Como para Luhmann (2007) os movimentos sociais não se caracterizariam nem como organizações (por que não organizam decisões, mas motivos, compromissos e vínculos), nem como sistemas de interação (ainda que indispensáveis), pois servem para mostrar a unidade e magnitude do movimento, como algo que precisa ser demonstrado, compromissado, ainda que o sentido de estar juntos se encontre fora do estar juntos, mas, ao contrário, seja percebido nos problemas individuais de busca de sentido e de autorrealização; seria difícil associá-los com sistemas autorreferentes, pois o fechamento operacional estaria comprometido.

No entanto, será Ahlemeyer (1995) quem avançará mais nessa questão da autorreferência dos movimentos sociais vistos comumente como fluidos e dependentes de fatores conjunturais muitas vezes determinados fora de si. Como autorreferência e autopoiesis são centrais para concepção de sistemas sociais fechados operacionalmente, e implicam dizer que uma diferenciação só pode ocorrer a partir de dentro, o autor passa a focar seu olhar para explicar como poderia acontecer o fechamento operacional em movimentos sociais. Para o autor, os “movimentos sociais são um tipo de sistema social em que o fechamento operacional se dá mediante ‘comunicações voltadas para a mobilização’ ou, simplesmente, pela ‘mobilização’” (Ahlemeyer, 1995, p. 73 apud Sobottka, 1995, p. 126). Para Ahlemeyer, mobilização não se resumiria a ativação de recursos, como definem as teorias clássicas, mas como uma forma específica de comunicação. Ao fazer isso, o autor insere uma quarta categoria de seleção à definição de comunicação de Luhmann, que pressupunha uma síntese de três seleções: informação, comunicado e compreensão. Essa quarta seleção estaria conexas à comunicação: “o aceite ou a recusa da oferta de redução de sentido” (Ahlemeyer, 1995, p. 73 apud Sobottka, 1995, p. 126). Na mobilização, a reprodução autopoietica se dá quando o próprio mobilizador mobilizado dá continuidade à operação do sistema:

“Assim, o movimento social não é outra coisa senão a reprodução e conexão de eventos de mobilização nos quais ele próprio se supõe e se sugere como campo de ação. Com essa remessa autorreferente a sua própria unidade, ela traça uma delimitação (de sentido) frente a seu ambiente e conquista, com isto, a possibilidade de formar complexidade própria” (Ahlemeyer, 1995, p. 99 apud Sobottka, 1995, p. 127).

Aqui, o recurso a meios técnicos de difusão, como as mídias sociais digitais, acaba servindo de elemento mobilizador de aproximação e constituição de diferença e dissenso a partir de dentro do movimento.

Outra possível concepção para os movimentos sociais, mesmo reconhecendo a dificuldade de enquadrá-las como organizações, conforme já exposto por Luhmann (2007), está relacionada à dimensão tempo e à efemeridade própria dos movimentos de protesto. É quando podemos ousar associar esses movimentos com o conceito de organização efêmera. Esse aparece pela primeira vez em um ensaio do sociólogo italiano Giovan Lanzara (1983). Ao relatar os processos organizativos emergentes após terremoto que abalou o sul da Itália em 1980, o autor destaca algumas características e comportamentos próprios dessas organizações, as quais denominou de informais e efêmeras. Por exemplo, seriam marcas desse perfil de organizações a *“desafeição psicológica”* e a *“desconfiança moral e política”* (Lanzara, 1983, p. 75). Conforme destacadas por Andrade (2005, p. 633, citando Lanzara, 1983, p. 88), essas organizações “não têm passado ou futuro, vivem no presente, não contam histórias sobre si mesmas e não projetam a sua imagem no futuro, tudo jogando no presente”.

Uma outra característica desse modelo emergente de organização é que seria também um sistema caórdico, uma espécie de organismo, organização ou sistema autorregulado que combina de modo equilibrado os estados de ordem e caos. Sistemas assim são estruturados de modo a não ser inteiramente tomados, seja pelo caos, seja pela ordem. São auto-organizados, como o são todos os sistemas do mundo natural. (Mariotti, 2007, p. 148).

São também estruturas complexas, que não se confundem com complicação nem são transparentes e inteligíveis, mas que só existem a partir da observação, pois *“mesmo as relações de trabalho e até aquelas desenvolvidas entre organização e públicos (como sistemas autônomos que são) seriam, antes de tudo, relações de observação, de contraposição, de redução de complexidade”* (Curvello, 2009, p. 102). Nessa perspectiva, os indivíduos não estariam subsumidos à organização do movimento, mas seriam, sobretudo, observadores autônomos, ainda que eventualmente acoplados estruturalmente ao contexto organizacional do movimento.

A seguir, descrevemos as principais características e motivações do movimento “Los Indignados”, para posterior articulação com a teoria aqui proposta.

“MOVIMIENTO 15 M”, “LOS INDIGNADOS” OU “SPANISH REVOLUTION”

O cenário político-social espanhol, em fevereiro de 2011, pode ser descrito pelos cortes orçamentários nas áreas da saúde, educação e serviços sociais e priorização na capitalização das instituições públicas e redução de déficit público. A Espanha é um Estado-Parte da União Europeia, e faz parte da zona do Euro. A fim de se enquadrar nos termos condicionantes da Eurozona, o país cedeu às pressões do Fundo Monetário Internacional (FMI), do G20 e da Alemanha e tomou medidas drásticas na área social, o que gerou insatisfação crescente entre os espanhóis, deixou os

sindicatos confusos e difundiu reações contra políticos, partidos e banqueiros.

Segundo Castells (2014), do descontentamento de alguns cidadãos, nasceu um grupo no Facebook intitulado “Plataforma de Coordinación de Grupos Pró- Mobilização Cidadã”. Dos grupos participantes da plataforma, alguns já tinham experiência em “frente de campanhas” em defesa da liberdade na internet contra a “Lei Sinde”, pela justiça global e outros inspirados pelas lutas que se alastravam no continente europeu contra as consequências sociais da crise financeira em evolução. A plataforma evoluiu para um grupo de debates e ação no Facebook, a “Democracia Real Ya - DRY”. Este grupo tinha fórum, blog e lista de e-mails. O “Democracia Real Ya” se tratava de uma rede descentralizada com núcleos anônimos espalhados em todo o país e denunciava a omissão da democracia representativa e dos principais partidos políticos, por não representarem os interesses coletivos, mas os interesses das instituições financeiras. Esse deliberado afastamento dos partidos e outras formas de organizações políticas formais, acabou por dar ao movimento uma característica de rede de ação conectiva (Bennet, Segerberg, 2012), que se auto-organiza em grande parte sem atores centrais ou líderes, usando de forma intensiva as tecnologias como agentes organizativos.

Em 2 de março de 2011, o “Democracia Real Ya” convocou os cidadãos para manifestar o seu protesto nas ruas em 15 de maio com o slogan que levava o nome do grupo: “*Democracia Real Ya! Ocupe as ruas. Não somos mercadorias nas mãos de políticos e banqueiros*”. E publicaram um manifesto escrito em vários dialetos da Espanha e em línguas inglesa, francesa, italiana, alemã, e até em libras. O apelo não teve apoio político, sindical ou de associação ou midiático. Sua divulgação foi realizada através das redes sociais.

Em 15 de maio de 2011, às vésperas das eleições municipais, as manifestações ocorriam sem liderança formal, havia preparação de manifestações que se seguiam por semanas. Neste dia, conforme aponta Castells (2014), mais de 50 cidades participaram das manifestações. No final do dia, as praças “Puerta del Sol”, em Madri, e depois “Catalunya”, em Barcelona, foram ocupadas e utilizadas como fórum para se discutir o real significado da democracia até que houvesse consenso em torno do assunto e para debater os temas ignorados nas campanhas eleitorais municipais. “*Não se reconheciam líderes: todos representavam a si mesmos, e as decisões ficavam a cargo da assembléia geral, que se reunia no fim de cada dia, assim como das comissões formadas em torno de cada tema sobre o qual as pessoas desejassem intervir*” (Castells, 2014, p. 89). Mais de 80 cidades em todo o mundo seguiram o exemplo dos movimentos, e saíram às ruas.

Em 23 de julho, na praça “Puerta del Sol”, houve uma manifestação de mais de 250 mil pessoas, que Castells (2014) diz ter sido a reafirmação da determinação do movimento de continuar lutando em prol da democracia e em repugnância ao gerenciamento injusto da crise econômica. Esta manifestação foi resultado das marchas iniciadas em diferentes pontos da Espanha que convergiram para Madri e foi saudada por uma multidão que as aguardavam e a elas se juntaram para a etapa final. Os manifestantes espanhóis tinham caminhado em passeata por cidades e aldeias, explicando a motivação do protesto e fazendo outros adeptos da causa no decorrer do caminho. O que evidencia que o movimento se mobilizou não apenas on-line mas também off-line.

Em agosto houve ações de protestos e tentativas frustradas de recuperar a “Puerta del Sol” pela ocupação de policiais. Naquele mês a então premier alemã Ângela Merkel impôs ao governo espanhol que votasse uma emenda à constituição proibindo déficits orçamentários para tranquilizar os mercados financeiros que especulavam contra a dívida espanhola. A votação teve apoio do Partido Socialista (Psoe) e do Partido Popular (PP conservador), nas férias parlamentares, em

quase sigilo. Contrários à emenda, os "Indignados" protestaram diante do Parlamento, pedindo um referendo e se manifestaram em várias cidades espanholas, recebendo dessa vez apoio de sindicatos e do partido de esquerda que fez oposição à emenda. Em 15 de outubro de 2011, "Los indignados" fizeram uma manifestação global, pela internet, por iniciativa da rede ativista que havia se reunido em Barcelona em meados de setembro. A mobilização alcançou 951 cidades em 82 países.

O PENSAMENTO SISTÊMICO E OS SISTEMAS SOCIAIS

O pensamento sistêmico é a abordagem de um novo paradigma da ciência em contraposição ao pensamento "reducionista-mecanicista" herdado dos filósofos da Revolução Científica do século XVII. O pensamento sistêmico não recusa a racionalidade científica, mas acredita que ela seja insuficiente para servir como parâmetro no que concerne às ciências humanas. O pensamento sistêmico inclui a interdisciplinaridade. Na visão mais tradicional, um sistema é composto por partes, que devem se relacionar de forma direta ou indireta. É limitado pelo ponto de vista do observador ou um grupo de observadores, pode abrigar outro sistema, e é vinculado ao tempo e espaço (Vasconcellos, 2013). Inicialmente dedicadas a estudar os sistemas abertos, as teorias sistêmicas mudam gradativamente seu foco para os sistemas operacionalmente fechados:

"(...) É a partir dos estudos desenvolvidos por Maturana e Varela (1997), que se incorpora a visão de que os sistemas seriam operacionalmente fechados, em um processo circular de autoconstrução, capaz de construir identidade, reduzir complexidade e permitir a diferenciação do ambiente". (Curvello e Scroferneker, 2008, p. 4)

Ao substituir a perspectiva do todo e da parte pela perspectiva da diferença entre sistema e entorno, os sistemas passam a ser vistos como acoplamento centrado mais no ruído e na irritação provocada pela complexidade do entorno do que no entendimento e no equilíbrio harmônico. É neste contexto de dissenso que a Teoria dos Sistemas Sociais de Niklas Luhmann se apresenta.

A TEORIA DOS SISTEMAS SOCIAIS

O sociólogo alemão Niklas Luhmann (1927-1998) propôs uma teoria social fundamentada na noção de sistema. Suas investigações se ocuparam do sistema social chamado sociedade moderna, entendida como "*conceito de sociedade radicalmente anti-humanista, radicalmente antirregional e radicalmente construtivista*" (Luhmann, 2007, p. 20). O autor renuncia a conceituar a sociedade a partir de uma ótica humanista e regional, e afirma que esta renúncia gera a possibilidade de se perceber os padrões normativos e avaliativos das relações entre os indivíduos. A sua teoria trata de uma sociedade concreta, não idealizada. E é a partir da observação dessa sociedade que Luhmann a descreve de forma construtivista, autopoietica, na qual cabem inúmeras formas e possibilidades de interpretação para cada fenômeno.

Os sistemas sociais são autorreferentes, autônomos, fechados e autopoieticos. São autorreferentes por terem "*a capacidade de estabelecer relações consigo mesmos e de diferenciar estas relações frente às de seu entorno*" (Rodrigues et al., 2012 p. 31). Os sistemas sociais são autônomos, entendendo que:

"(...) a noção de autonomia pode ser vista como um conjunto de operações sistêmicas que "dobram" sobre si mesmas, no sentido de que as etapas, os momentos dessa operação, adotam uma circularidade que se

auto-retroalimenta, com vistas a referir-se a si mesma" (Rodrigues et al., 2012, p. 31)

Luhmann conceitua o sistema social como operacionalmente fechado, o que quer dizer que suas partes ou os elementos de tais sistemas interagem uns com os outros e somente entre si. Para Rodrigues e Peixoto (2012), o termo "autopoiesis", concebido por Maturana e Varela pode ser entendido a partir da tríade: feedback (retroalimentação), auto-organização e a homeostase (tendência dos organismos ao estado de equilíbrio). Esta tríade guarda para si as ideias de estabilidade, de equilíbrio, de circularidade operacional e de manutenção sistêmica. Além de transmitir uma ideia de estabilidade, que libera uma noção de padrão, conservado pela automanutenção e auto-organização de uma unidade sistêmica. Este processo pode ser chamado de autopoietico, pois se autoproduz, autorregula, se autotransforma e consegue manter-se em equilíbrio, preservando suas identidades. *"Os sistemas se constituem e se mantêm mediante a criação e a conservação da diferença com o entorno e utilizam seus limites para regular tal diferença. Sem diferença com relação ao entorno não haveria autorreferência"* (Luhmann, 1998, p. 40, apud Rodrigues et al., 2012 p. 33).

Os sistemas sociais são limitados, são unidades, de forma que o que não é o sistema é chamado de não sistema ou entorno. A relação do sistema e do entorno ou ambiente é parte conceitual da Teoria dos Sistemas Sociais e tem grande relevância para compreender a diferenciação de um sistema. Toda a complexidade que vêm do entorno é entendida como ruído, até que seja reduzida à menor complexidade por meio do fechamento operacional do sistema.

A Teoria dos Sistemas Sociais é evolucionista ou coevolucionista, no sentido epistemológico construtivista. Esta evolução é descrita como *"(...) a capacidade que o sistema autopoietico tem em interpretar o ambiente em que está inserido, reagindo a partir da produção interna, (autoprodução) para a sua permanência / sobrevivência no meio em que está inserido (...)"* (Rodrigues, 2012. p. 39).

ENTENDENDO OS PROTESTOS "LOS INDIGNADOS" SOB A ÓTICA DA TEORIA DOS SISTEMAS SOCIAIS

Em seu livro "La Sociedad de la Sociedad", o sociólogo alemão Niklas Luhmann reserva parte do capítulo "Diferenciação" aos movimentos de protesto. Na sociedade espanhola podemos observar que existem várias interações entre os sistemas sociais, entre vários atores como a União Europeia, o Estado espanhol, os manifestantes espanhóis, a mídia, os partidos políticos, os sindicatos e os banqueiros. O complexo arcabouço engendrado nessas relações abarcou os processos que resultaram na mobilização da sociedade civil em protestos de março a outubro de 2011 na Espanha.

As manifestações espanholas se desenrolam dentro de um país integrado a outros países por meio da "União Europeia". *"Por integração entenderemos unicamente a redução dos graus de liberdade dos sistemas parciais – redução que é seguida pelos limites externos do sistema sociedade e do entorno interno que separa esse sistema"* (Luhmann, 2007, p. 478).

A Espanha, por ter seu grau de liberdade reduzido, sofreu com as pressões do bloco para que cortasse gastos na educação, saúde e serviços sociais e para que votasse uma emenda à constituição proibindo déficits orçamentários para tranquilizar os mercados financeiros que especulavam contra a dívida espanhola. Em resposta à "complexidade" representada pela corrupção, altos índices de desemprego, democracia representativa deficiente, banqueiros especuladores, sindicatos e partidos desvirtuados; parte da sociedade espanhola fundou a "Plataforma de Coordenação de Grupos Pró-Mobilização Cidadã". Podemos entender que para a redução da complexidade, o sistema sociedade

se fecha operacionalmente para refletir sobre como entenderia todos estes ruídos e como poderia se auto-organizar num processo de autopoiesis a fim de conseguir sobreviver à esta complexidade.

Vemos que a “Plataforma de Coordenação de Grupos Pró-Mobilização Cidadã” evoluiu, ou se automodificou para um grupo de debate e ação no Facebook denominado “Democracia Real Ya”, o qual criou um fórum, um blog e uma lista de e-mails (Castells, 2014, p. 87). Esta evolução prova o quanto um sistema pode se reinterpretar e evoluir, de modo a se automodificar sem que perca sua identidade e continue se diferenciando do entorno. Este é um processo autopoietico que se utiliza da criatividade e dos recursos que são próprios do sistema social autorreferente nos termos propostos por Ahlemeyer (1995).

Na véspera das eleições municipais, o grupo “Democracia Real Ya” convocou os cidadãos para manifestar o seu protesto nas ruas em 15 de maio, num domingo, com o slogan que levava o nome do grupo: “Democracia Real Ya! Ocupe as ruas. Não somos mercadorias nas mãos de políticos e banqueiros”.

Aqui, vê-se o que nos diz Luhmann (2007), ao afirmar que o protesto vive da escolha de um tema:

“Isso fica claro se compreendemos os movimentos sociais de protesto como sistemas autopoieticos de índole própria, e o protesto como seu elemento catalisador. O tema que o protesto liga é sua invenção, sua construção (...). Unicamente, a autopoiesis do movimento social constrói o tema, encontra pré-história correspondente, para não ter que aparecer como inventor do tema, e cria com isso uma controvérsia, que para o outro lado – nos assuntos rotineiros da vida cotidiana – nem sequer constitui controvérsia (...).” (Luhmann, 2007, p. 682).

A cada vez que os manifestantes se preparam para ir às ruas, exercem pressão sobre as instituições centrais. O governo, “como centro” pode entender as manifestações como ruídos e faz seu fechamento funcional do sistema para reduzir esta complexidade. O poder central pode entender as manifestações como uma ameaça e assim, se posicionar de forma coercitiva. Também pode ser indiferente, nada fazendo, e ainda pode ser receptivo às reivindicações, atendendo-as ou não. Percebe-se, aqui, a característica de sistemas de decisão, que operam por meio de seleções.

É de inteira importância que se observe que “todos os sistemas institucionais refletem as relações de poder e seus limites tal como negociados por um interminável processo histórico de conflito e barganha. A verdadeira configuração do Estado e de outras instituições que regulam a vida das pessoas depende dessa constante interação de poder e contrapoder” (Castells, 2014, p. 11).

Esse jogo que se dá em pleno acoplamento entre movimento social e seu entorno, também reforça o disposto por Bennet & Segerberg (2012), uma que a diferenciação entre sistema e entorno acaba por reforçar o primeiro tipo de ação conectiva, ao separar drasticamente as organizações tradicionais da ação, ao trabalhar o conteúdo de sua comunicação centrada em ações inclusivas emergentes, com forte expressão pessoal e individual dos seus membros pelas redes sociais. Essa ação individualizada reverberada pelos tuítes, pelo compartilhamento de imagens e de vídeos, acaba por gerar uma rede de interdependência entre os indivíduos em marcha, na qual a informação do movimento ajuda a movimentar a causa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs uma reflexão sistêmica sobre a dinâmica da comunicação nos novos movimentos sociais, ilustrada particularmente sobre o movimento “Los Indignados” da Espanha. De forma

breve, este trabalho buscou apontar o contexto sistêmico no qual se dão as diferenciações, a autonomia e as negociações do sistema “sociedade” em relação ao centro, neste caso o “Estado”.

Nesse sentido, o problema central do estudo refere-se à importância da perspectiva sistêmica quando tratamos de movimentos com as mesmas características, refletindo sobre os sistemas envolvidos, suas relações de comunicação e poder e as estratégias e instrumentos utilizados na comunicação. O pensamento sistêmico como novo paradigma da sociedade tem incontestável importância no processo comunicativo em todos os cenários da sociedade, inclusive os de dissenso. Não é diferente com os movimentos sociais espanhóis de 2011, que só podem ser entendidos se levados em conta em sua integridade, abarcando-se o maior número de possibilidades e processos que com ele tenham relação.

O papel da teoria dos sistemas sociais e suas derivações para a compreensão dos novos movimentos sociais é justamente o de ampliar o campo de visão da sociedade, a partir da observação das características sui generis dos novos movimentos sociais marcados pela sua autorreferencialidade, pelo fechamento operacional, via autopoiesis, que pode ser identificada a partir das modificações e adaptações que estes movimentos criam a fim de sobreviverem, preservando identidades. Também são automidiáticos, se organizam em rede, se manifestam em forma de protestos com clichês que se propagam mimeticamente e se auto reproduzem.

Bibliografia

Emil Albert Sobottka, “Sem objetivo? Movimentos sociais vistos como sistema social”, In Leo Peixoto Rodrigues; Daniel Mendonça (ed.). *Ernesto Laclau & Niklas Luhmann: pós-fundacionismo, abordagem sistêmica e as Organizações Sociais*. Porto Alegre, Edipucrs, 2006, pp. 115-128.

Giovan Lanzara, “Ephemeral organizations in extreme environments: Emergence, strategy, extinction”, *Journal of Management Studies*, 20: 7195, 1983.

Heinrich W. Ahlemeyer, *Soziale Bewegungen als Kommunikationssystem: Einheit, Umweltverhältnis und Funktion eines sozialen Phänomens*, Opladen, Leske + Budrich, 1995.

Humberto Kasper, *O Processo do Pensamento Sistêmico: Um estudo das principais abordagens a partir de um quadro de referências proposto*, Porto Alegre, UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul- Escola de Engenharia –PPGEP-Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, 2000.

Humberto Mariotti, *Pensamento Complexo: Suas aplicações à liderança, à aprendizagem e ao desenvolvimento sustentável*, São Paulo, Atlas, 2010.

Ilsler Scherer-Warren, “Das Mobilizações às redes de movimentos sociais”, *Sociedade e Estado*, 21, Brasília, 2006, pp 109-130. [Online]: <http://www.scielo.br/pdf/se/v21n1/v21n1a07.pdf>, acessado em 16 de abril de 2016.

João José Azevedo Curvello; Cleusa Maria Andrade Scroferneker, “A Comunicação e as Organizações como sistemas complexos: uma análise a partir da perspectiva de Niklas Luhmann e Edgar Morin”, *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*

I E- Compós, Brasília, 2008, pp. 1-16. [online]: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/307/300>, acessado em 01 de abril de 2016.

João José Azevedo Curvello, "A perspectiva sistêmico-comunicacional das organizações e sua importância para os estudos da comunicação organizacional", Margarida Maria Krohling Kunsch (ed.), *Comunicação Organizacional: Histórico, fundamentos e processos*, Volume I, São Paulo, Saraiva, 2009, p. 91-105.

L. P. Rodrigues; D. de Mendonça, *Ernesto Laclau & Niklas Luhmann: pós-fundacionismo, abordagem sistêmica e as Organizações Sociais*, Porto Alegre, Edipucrs, 2006.

Leo Peixoto Rodrigues; Fabrício Neves, *Niklas Luhmann: A Sociedade como Sistema*, Porto Alegre, Edipucrs, 2012.

Manuel Castells, *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2014.

Maria José Esteves de Vasconcellos, *Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da ciência*. Campinas, Papirus, 2013.

Niklas Luhmann, *La Sociedad de La Sociedad*, México. Herder, 2007.

Rogério Ferreira de Andrade, "Quando nos Roubam o Chão Obrigam-nos a Voar: narrativas erosivas e extinção moral das organizações", Lisboa: Actas do 4º. SOPCOM, 2005. [online]: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/andrade-rogerio-quando-roubam-chao-obriga-nos-voar.pdf>, acessado em 15 de abril de 2016.

W. Lance Bennett & Alexandra Segerberg, The Logic of Connective Action, *Information, Communication & Society*, 15:5, 739-768, 2012.